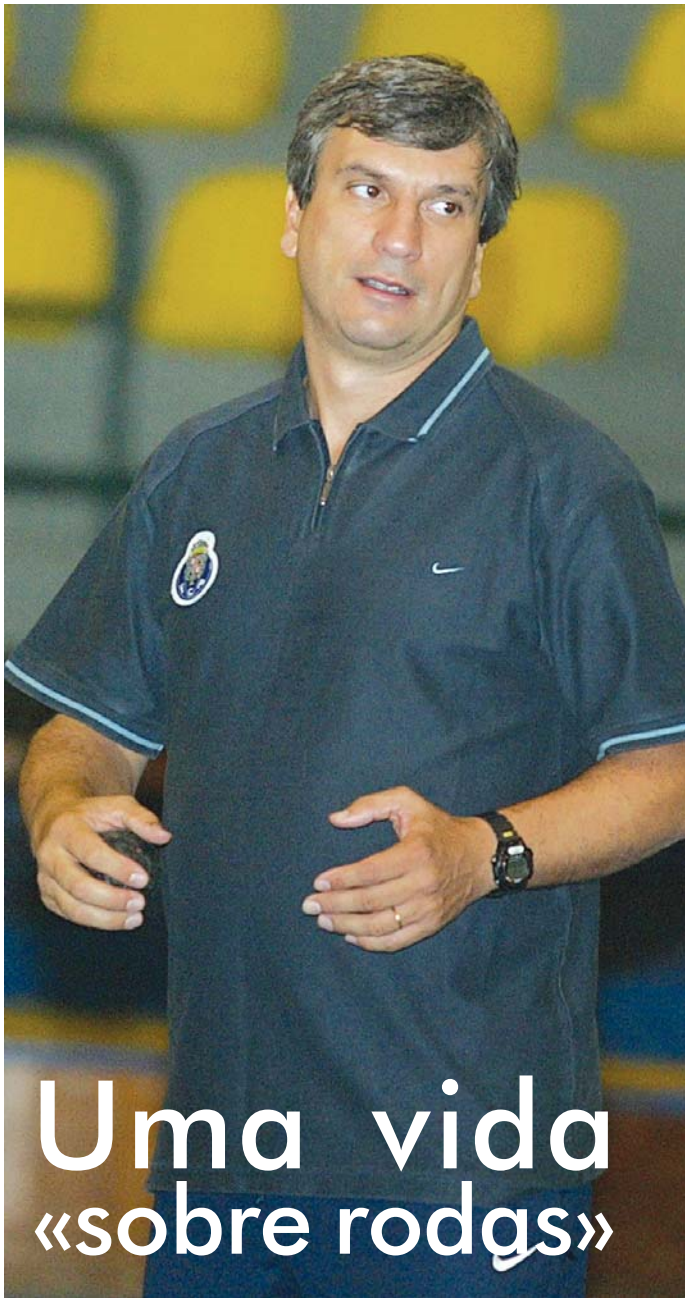
Franklin Pais, o técnico "residente" da equipa de hóquei do FC Porto, é detentor de uma carreira brilhante quer como jogador, quer como treinador. Foi dono da baliza portista durante onze épocas e mantém-se como treinador da equipa desde 1996. Nasceu no Porto, é casado e tem dois filhos, um dos quais também jogador de hóquei no FC Porto.

Texto: Marta Almeida Carvalho
Fotos: Virgínia Ferreira



Uma vida «sobre rodas»

É um nome incontornável do hóquei nacional e uma das figuras de grande carisma na modalidade. Franklin Pais nasceu no Porto, há quarenta e três anos, e cá viveu toda a sua juventude entre a rua Cândido dos Reis e a de Camões. Pouco tempo depois de casar mudou-se para Leça do Balio onde ainda hoje reside. Mas é com a cidade do Porto que mantém fortes laços e raízes profundas. Como bom portuense adora a cidade, a sua gente, os hábitos e as tripas à moda do Porto. *"Nunca perdi o costume de ir às compras à baixa. É tradição, durante a época natalícia, fazer o giro pelas lojas nos dias em que estão abertas até à meia-noite"*, conta. Para os passeios com a família gosta da Foz e de toda a zona ribeirinha. Quanto aos portuenses, Franklin aponta como principais características a simpatia, a amabilidade e o facto de serem muito acolhedores para quem vem de fora. *"O portuense é muito apegado à cidade e pauta-se por um bairrismo que já está enraizado e que passa de geração para geração. E este bairrismo é saudável"*, assegura. Em sua opinião é necessário incrementar a habitação na cidade, uma vez que os jovens estão a sair do Porto para habitar em zonas periféricas devido às más condições que encontram para arranjar casa. Para o treinador esta pode ser uma condição que leve a uma perda desse "bairrismo". *"Se a situação se mantiver os jovens saem da cidade, a população envelhece e pode-se perder um pouco da vitalidade desse apego ao Porto"*, refere.

Para Franklin a maior virtude da cidade é a sua beleza da qual destaca o rio, o mar e as pontes. Os defeitos que consegue encontrar no Porto são resultado de obras recentes. *"As obras de requalificação feitas nos últimos anos, bem como a falta de parques de estacionamento, vieram dificultar o trânsito e o acesso ao centro da cidade. O metro pode vir a alterar este problema que, para já, ainda se mantém"*, afirma.

Coração azul e branco

Franklin começou a patinar ainda muito jovem, com sete anos. Aos dez jogava já oficialmente no clube Infante Sagres, onde chegou por influência dos primos, também eles jogadores de hóquei e nomes conhecidos da modalidade, os irmãos Gomes da Costa. Quando passou a senior mudou-se, juntamente com os primos, para o Juventude de Viana onde se manteve durante três anos. Foi então que, na época de 84/85, ingressou no FC Porto. Franklin foi dono da baliza portista durante 11 anos e um dos jogadores mais carismáticos da moda-

lidade. Nos longos anos ao serviço dos azuis e brancos acrescentou ao seu curriculum de jogador oito títulos nacionais, dois de campeão europeu, duas Taças CERS e várias Taças de Portugal e Supertaças. *"Nessa década ganhámos muitos títulos. Éramos um conjunto extraordinário e foi, de facto, uma década de ouro para o hóquei do FC Porto"*, recorda.

Franklin foi também um guarda-redes habitual na selecção portuguesa, onde ganhou dois campeonatos da Europa e um do Mundo. Em 1996 terminou a sua carreira de jogador para logo começar a de treinador - inicialmente como adjunto e mais tarde como técnico principal - no clube do seu coração, onde já se sente como *"um homem da casa"*. Segundo o técnico, a mística do FC Porto, juntamente com um grupo de excelentes profissionais, que vão desde os jogadores aos dirigentes, são os ingredientes que fazem o sucesso do clube na modalidade.

Esta época foi muito importante para o FC Porto, uma vez que disputou todas as frentes com uma equipa totalmente renovada na época anterior e com muitos êxitos. *"Esta é uma equipa com muito valor. Foi construída no ano passado, com jogadores novos, e conseguiu de imediato chegar à Final Four. Infelizmente perdemos a final com o Barcelona"*, refere o treinador. Esta época a história repetiu-se e novamente com o Barcelona.

O facto de jogarem «longe de casa», em Fânzeres, traz algumas dificuldades no que toca ao apoio dos sócios. *"Quando as modalidades estavam concentradas nas Antas, sentíamos mais o apoio da massa associativa. Mas, apesar de tudo, esse apoio é forte nos jogos decisivos"*, diz. Franklin tem esperanças de que tudo volte ao «normal» com a construção de um pavilhão para as modalidades «amadoras», bem perto da «casa» do Dragão.